



POR UM LUGAR PARA CHAMAR DE “MEU”: Estudo sobre a relação estabelecida por agricultores de uma comunidade agroecológica rural com o lugar

Autores:

Leonardo Víctor de Sá Pinheiro - UFPI - leonardopinheiro@hotmail.com

Fernanda Fernandes Gurgel - UFRN - fernandafgurgel@hotmail.com

José Queiroz pinheiro - UFRN - pinheiro@cchla.ufrn.br

Resumo:

Nas últimas décadas, estudos trouxeram à tona a relação das pessoas com diversos contextos ambientais. Considerando a importância que o sistema agroecológico de produção apresenta na transformação das relações com o ambiente, buscou-se estudar o lugar nas relações humano-ambientais em contextos agrícolas e rurais. O objetivo do estudo foi explorar como os agricultores vivenciam e estabelecem suas relações com o lugar, em uma comunidade rural agroecológica do Rio Grande do Norte. Foi adotada uma abordagem qualitativa, de inspiração etnográfica, com dados construídos por meio de diários de campo e entrevistas semiestruturadas realizadas com dez participantes. O corpus foi analisado com base na análise de conteúdo temática interpretativista. Os resultados mostraram diferentes aspectos da relação dos agricultores com o lugar, revelando um vínculo multidimensional formado por variadas formas de significação, que dependiam das trajetórias de vida, das alterações no ambiente e das relações socioeconômicas e ambientais estabelecidas. A pesquisa propõe tratar o tema além das fronteiras disciplinares, apresentando a contribuição da Psicologia Ambiental.



POR UM LUGAR PARA CHAMAR DE “MEU”

Estudo sobre a relação estabelecida por agricultores de uma comunidade agroecológica rural com o lugar

Resumo

Nas últimas décadas, estudos trouxeram à tona a relação das pessoas com diversos contextos ambientais. Considerando a importância que o sistema agroecológico de produção apresenta na transformação das relações com o ambiente, buscou-se estudar o lugar nas relações humano-ambientais em contextos agrícolas e rurais. O objetivo do estudo foi explorar como os agricultores vivenciam e estabelecem suas relações com o lugar, em uma comunidade rural agroecológica do Rio Grande do Norte. Foi adotada uma abordagem qualitativa, de inspiração etnográfica, com dados construídos por meio de diários de campo e entrevistas semiestruturadas realizadas com dez participantes. O *corpus* foi analisado com base na análise de conteúdo temática interpretativista. Os resultados mostraram diferentes aspectos da relação dos agricultores com o lugar, revelando um vínculo multidimensional formado por variadas formas de significação, que dependiam das trajetórias de vida, das alterações no ambiente e das relações socioeconômicas e ambientais estabelecidas. A pesquisa propõe tratar o tema além das fronteiras disciplinares, apresentando a contribuição da Psicologia Ambiental.

Palavras-chave: Agroecologia; Rural; Relação com o Lugar; Psicologia Ambiental; Relação Pessoa-Ambiente.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre o vínculo das pessoas ao lugar têm exercido fascínio e curiosidades nos últimos anos, recebendo atenção por parte da psicologia e, particularmente, das pesquisas que investigam as relações humano-ambientais (HIDALGO; HERNANDEZ, 2001; RAYMOND; BROWN; WEBER, 2010; SCANNELL; GIFFORD, 2010a). Sendo compartilhada por diversos campos de estudos, a interdisciplinaridade dessa área de pesquisa investiga, por diferentes ângulos, os vínculos afetivos que as pessoas desenvolvem em relação a determinados lugares. Nesse sentido, ao longo das últimas décadas, diversas pesquisas nacionais e internacionais passaram a abordar o tema em relação às mais diferentes áreas de investigação como, por exemplo, sociologia, antropologia, psicologia, arquitetura,



administração, turismo, geografia humana, agricultura, ciências da saúde, dentre outras (FELIPPE; KUHNEN, 2012; GIULIANI, 2003; HIDALGO; HERNANDEZ, 2001; LEWICKA, 2011; SCANNEL; GIFFORD, 2010a; VASKE; KOBRIN, 2001).

Apego ao lugar, enraizamento, pertencimento, topofilia, apropriação do espaço, vínculo afetivo, identidade de lugar, dependência de lugar e senso de lugar são apenas alguns dos variados termos utilizados para se referir ao vínculo emocional das pessoas com os ambientes. Essas variações retratam imprecisão na identificação do fenômeno, dificultando avaliar se os estudos que investigam o tema estão tratando de um mesmo conceito com nomes distintos ou se abordam conceitos realmente diferentes (FELIPPE; KUHNEN, 2012; GIULIANI, 2003, 2004; GIULIANI; FELDMAN, 1993; HIDALGO, 2013; HIDALGO; HERNANDEZ, 2001; MANZO, 2003).

Embora todos esses conceitos estejam ligados às relações das pessoas com os lugares, a conexão exata entre eles permanece confusa, não abrangendo todas as dimensões importantes que eles sugerem, conforme aponta Manzo (2003). Segundo a autora, faz-se necessário que todas as magnitudes das experiências humanas sejam incorporadas nas investigações sobre as relações entre pessoas e lugares, abrangendo uma ampla gama de configurações físicas e emocionais. Trata-se, portanto, de fenômeno dinâmico, em constante transformação, que de forma consciente ou não existe dentro de um ambiente sócio-político maior que também deve ser levado em consideração.

A PSICOLOGIA AMBIENTAL E OS ESTUDOS SOBRE O LUGAR

Atualmente, existe uma crescente e extensa quantidade de estudos que procuram abordar as relações das pessoas com os lugares como uma espécie de apego ao lugar, também conhecido como *place attachment*. Fruto da complexidade dos fatores envolvidos, a investigação sobre o apego ao lugar parece compartilhar a multidisciplinaridade das pesquisas em Psicologia Ambiental (FELIPPE; KUHNEN, 2012), que, apesar da sua imensa importância para a área, ainda não apresenta uma teoria específica desenvolvida (HIDALGO, 2013; LEWICKA, 2011).

No Brasil, apesar de ser crescente o interesse pelo tema, poucos estudos nacionais dedicados à investigação da relação das pessoas com o lugar foram evidenciados. Essa carência de estudos na área também é destacada por Felipe e Kuhnen (2012, p. 615) ao afirmarem que “a falta de produção nacional com atenção específica a laços afetivos com lugares denuncia um descompasso de interesses entre nações, compreensível, em certa medida, pelo fato de a produção internacional mais expressiva sobre o tema ser notadamente recente”. Nessa mesma perspectiva, Elali e Medeiros (2011, p. 59) também ressaltam que os diversos tipos de trabalhos feitos demonstram o potencial da realização de pesquisas relacionadas ao tema, “embora a área ainda não conte com uma base teórico-metodológica consolidada”.



A diversidade de aproximações teóricas e empíricas com as quais a relação das pessoas com os lugares tem sido abordada gera uma conjectura diversificada, proporcionando um desafio ainda maior para os que se propõem à sua compreensão. De acordo com Giuliani (2003, 2004), a variedade de conceitos e modelos teóricos de referência sugere que ainda são vagos os esforços feitos na identificação do fenômeno. Faz-se relevante destacar, segundo a autora, que isso não é decorrente de uma falta de consciência sobre a questão, tendo em vista que o fenômeno foi considerado por muito tempo algo secundário aos estudos que, por sua vez, se interessavam primordialmente pelos aspectos cognitivos e comportamentais da relação pessoa-ambiente. Por outro lado, Scannell e Gifford (2010a) afirmam que essa pluralidade em relação ao tema pode ser entendida como reflexo do grande interesse pelo assunto, podendo ser encarada como busca por seu desenvolvimento teórico. Tais pontos de vista não deixam de ser concordantes no sentido de que só recentemente o interesse pela investigação sistemática e a formulação de teorias concernentes aos laços afetivos dos indivíduos com o ambiente físico passou a fazer parte dos estudos da Psicologia Ambiental (GIULIANI, 2003).

As primeiras contribuições sistematizadas sobre os laços afetivos com os lugares datam da década de 1960, quando Fried, na obra *Grieving for a Lost Home*, abordou os efeitos psicológicos do deslocamento forçado da população em um subúrbio da cidade de Boston. Fried percebeu que o afastamento do lugar produzia reações semelhantes à perda de um ente próximo, atribuindo esse sentimento à interrupção de um “senso de continuidade”, devido à saída do lugar objeto de apego. Segundo Speller (2005, p. 159), o estudo de Fried foi um dos primeiros a considerar “a ligação da identidade com o ambiente físico e a sua importância para as relações interpessoais quando estas contêm memórias que estão amarradas a um ambiente espacial específico e a aspirações que só podem ser preenchidas no seio desse ambiente”.

Apesar da imensa importância desse estudo para a Psicologia Ambiental (PA), por quase vinte anos a noção de apego não foi incluída entre os tópicos de pesquisa da área (FELIPPE; KUHNEN, 2012; GIULIANI, 2003, 2004; GIULIANI; FELDMAN, 1993). Somente a partir da década de 1980, diante das contribuições da sociologia urbana e da geografia humana, foi que a PA passou a ter interesse sistemático por aspectos afetivos na relação das pessoas com os seus ambientes, principalmente no que concerne à vizinhança. No entanto, o crescente interesse em pesquisas na área só pode ser constatado com maior ênfase a partir da década de 1990, conforme pode ser observado nas publicações do *Journal of Environmental Psychology* (JEP) e do *Environment and Behavior* (E&B), os dois principais periódicos da área (LEWICKA, 2011).

Cada vez mais estudos foram surgindo sobre o tema, encorajando uma atenção à experiência individual e aos efeitos psicológicos dessa experiência no ambiente (GIULLIANI, 2003, 2004; HIDALGO; HERNANDEZ, 2001). Entretanto, Giulliani (2003) criticou que a maior amplitude empírica não necessariamente correspondeu a esforços teóricos capazes de guiar as pesquisas em direções específicas, permanecendo uma variedade de definições e abordagens. No mesmo sentido, Lewicka (2011) também



destaca que mesmo diante da vasta literatura produzida desde então, ainda são poucos os avanços teóricos e empíricos em relação ao que era conhecido há 30 ou 40 anos atrás.

Em relação à definição de apego ao lugar parece não existir consenso que, geralmente, passa a ser compreendido como laço, *link*, ou vínculo afetivo, de natureza positiva, entre pessoas e lugares específicos. Outra característica que pode ser atribuída a tal fenômeno seria o desejo de manter proximidade com o objeto do apego, ou seja, querer e buscar ficar próximo do lugar (GIULIANI, 2004; HIDALGO; HERNANDEZ, 2001).

Diante dessa amplitude, Low e Altman (1992) acreditam que o apego ao lugar é um conceito integrado que envolve aspectos relacionados a cinco fatores: a) vinculações (afetos, cognições e práticas/ações); b) lugares (que variam em escala, especificidade e tangibilidade); c) diferentes atores (indivíduos, grupos e culturas); d) relações sociais (indivíduos, grupos e culturas); e) aspectos temporais (lineares e cíclicos). Já Giuliani (2004) afirma que esse sentimento de apego pode ser descrito em três tipos de processos diferentes, porém não mutuamente exclusivos. O primeiro, de base mais cognitiva do que afetiva, deriva de uma avaliação positiva do local para atender necessidades do indivíduo, sendo o apego cada vez mais forte dependendo do número e importância das necessidades satisfeitas. O segundo está relacionado ao significado que o lugar tem para a identidade da pessoa, podendo estar associado a locais que apresentam apenas valor simbólico para o indivíduo ou o grupo. Por sua vez, o terceiro processo, de base mais emocional do que funcional, pode ser derivado de um longo período de residência e familiaridade, sendo resultado dos sentimentos de segurança e bem-estar que o ambiente suscita na pessoa.

As definições existentes podem ser ambíguas e conflitar com outras noções como, por exemplo, a de satisfação residencial, que pode ser positiva ou negativa em relação ao local onde se vive. Ademais, a literatura da área quase nunca explora sentimentos e experiências negativas e ambivalentes em relação ao lugar, fazendo-se necessário considerar, portanto, não apenas sentimentos positivos, mas, também, relações emocionais negativas das pessoas com os lugares (GIULIANI; FELDMAN, 1993; MANZO, 2003). Segundo Bailey, Devine-Wright e Batel (2016), a literatura da área aponta para dois tipos básicos de abordagens sobre o assunto: uma estrutural, mais predominante, que se interessa em entender a intensidade, os antecedentes e as implicações das relações entre pessoas e lugares em um momento específico; e uma abordagem processual, que procura entender o desenvolvimento dos laços das pessoas com os lugares ao longo do tempo.

Autores como Hidalgo e Hernandez (2001) e Lewicka (2011) ressaltam que o desenvolvimento desse campo de estudo ainda é limitado, não sendo possível saber, ainda, a que tipo de lugares as pessoas desenvolvem maiores ligações e sentimentos de apego ou quais aspectos e dimensões são mais propensos a despertarem esse vínculo afetivo. Com isso, “para se obter uma teoria mais abrangente do desenvolvimento afetivo, o apego talvez pudesse ser melhor conceituado como



‘componente’ de diferentes vínculos, em vez de um laço específico” (GIULIANI, 2004, p. 100).

Nessa perspectiva, levando-se em consideração os múltiplos conceitos atribuídos por diversos autores, Scannell e Gifford (2010a) propõem um modelo multidimensional de apego ao lugar baseado em três dimensões específicas: pessoa, processos psicológicos e lugar. A primeira dimensão - pessoa - pode ocorrer tanto em nível individual como grupal, sendo o apego atribuído a experiências com o local, ou por meio dos significados compartilhados coletivamente em uma comunidade, pelas culturas locais ou pela religiosidade. A segunda dimensão - processo psicológico - refere-se à maneira como as pessoas se relacionam com o lugar e as interações que ocorrem, com esse lugar de importância, por meio de afetos, cognição e/ou comportamentos. Por fim, a terceira dimensão - lugar - é relativa às relações sociais e físicas estabelecidas com o lugar em si, como, por exemplo, as relacionadas à comunidade e as interações sociais existentes e às características físicas associadas à dependência do lugar para o fornecimento de recursos.

Faz-se relevante destacar que, considerando a dimensão processual proposta por Scannell e Gifford (2010a), o apego ao lugar é formado não só por elementos afetivos, mas também cognitivos, tais como memórias, crenças e significados dados aos locais que os tornam importantes. Além disso, os autores consideram que os comportamentos por meio dos quais o apego ao lugar se revela estão relacionados com as ações em busca de sobrevivência e segurança, objetivos pretendidos e a continuidade temporal e pessoal que são significativos através de memórias e conexões com o passado. Por outro lado, estes esforços podem não ser benéficos caso se tornem disfuncionais no sentido de trazer consequências negativas como, por exemplo, a recusa em deixar uma localidade que possa colocar em risco a vida dos sujeitos.

Scannell e Gifford (2010a), portanto, apresentam um conceito multifacetado de apego ao lugar, referindo-se ao vínculo entre um indivíduo ou grupo e um lugar que pode variar em termos de nível espacial, grau de especificidade e características sociais ou físicas do lugar, podendo ser manifestado através de afeto, cognição e processos psicológicos comportamentais. Por sua vez, os autores esclarecem que uma simples medida de apego ao lugar nem sempre prevê com precisão e não necessariamente deve dar conta de todos estes níveis do conceito. As definições de apego ao lugar poderiam ser especificadas de acordo com a ênfase que o investigador quiser dar às dimensões da pessoa, dos processos e do lugar, com base na compilação tripartida que fazem do conceito (HIDALGO, 2013; SCANNELL; GIFFORD, 2010a; SCANNELL; GIFFORD, 2010b). Assim, com base no modelo tripartite proposto pelos autores, Lewicka (2011) argumenta que a literatura tem dado maior destaque à dimensão da pessoa em detrimento do lugar, ignorando também, em grande parte, os processos psicológicos pelos quais o apego ao lugar se desenvolve.

Além das definições e características abordadas anteriormente, faz-se importante destacar que os relacionamentos com os lugares abrangem uma variedade de cenários e emoções que também pode se formar ou mudar por meio de experiências de tragédia e perda. Nesse sentido, os lugares onde ocorrem experiências



negativas podem ser tão significativos quanto os demais como, por exemplo, os lugares de refúgio, que se tornam significativos devido às experiências de dor e perda vivenciados (MANZO, 2003). De acordo com Manzo (2003), podemos nos relacionar com lugares que alteram irrevogavelmente nossas vidas por meio de experiências traumáticas e pessoais, ganhando diferentes significados. A natureza dinâmica da relação das pessoas com os lugares permite uma exploração de como os sentimentos se mantêm mediante experiências positivas e negativas, uma vez que ambos podem contribuir para o vínculo em relação ao lugar.

De fato, segundo Seamon (1993), o próprio termo "relação" sugere um processo dinâmico em que diferentes mundos são reunidos de forma duradoura. Chawla (1992), por sua vez, acredita que existe certa ambivalência em relação a determinados lugares onde os pesadelos existem ao lado dos sonhos, o que a autora chama de "lado sombra" de nossas relações com os lugares.

Um conjunto acumulado de evidências foram detectados por Scannell e Gifford (2017), demonstrando alguns benefícios psicológicos atribuídos ao vínculo pessoa – lugar, tais como: memórias, pertencimento, relaxamento, emoções positivas, apoio à atividade, conforto/segurança, crescimento pessoal, liberdade, entretenimento, conexão com a natureza, benefícios práticos, privacidade e estética. Apesar de cotidianamente o relacionamento com os lugares ser, geralmente, de forma inconsciente, tais sentimentos também podem ser de forma consciente, particularmente em situações em que mudanças ocorrem. Isto posto, Manzo (2003) comenta sua pesquisa publicada em 1994, que aborda como os lugares se tornam significativos como marcadores de transição ou símbolos de eventos críticos da vida, como ponto de referência em uma relação significativa (positiva ou negativa), bem como em momentos mais simples de reflexão.

A literatura sobre a relação das pessoas com o ambiente geralmente não contextualiza as ligações emocionais aos lugares em contexto sociopolítico maior. No entanto, "não é possível considerar adequadamente as relações emocionais das pessoas com os lugares sem reconhecer as significativas implicações políticas de tal fenômeno" (MANZO, 2003, p. 54), fazendo-se necessário, portanto, uma visão mais contextualizada para a compreensão adequada de tal ligação. Nessa perspectiva, embora se reconheça o caráter profundamente pessoal existente no sentimento em relação aos lugares, é importante considerar que nossas experiências são produtos de uma realidade política, econômica e social mais abrangente.

Lewicka (2005) supõe que a ligação afetiva com um lugar proporciona condições psicológicas que levarão a efeitos benéficos tanto para a pessoa como para a comunidade a que pertence. Sendo assim, o conceito de comunidade local estaria intimamente ligado a um senso de pertencimento ou apego à comunidade, formado por redes sociais que funcionam em espaços geográficos bem definidos (GIULIANI, 2004). Ademais, segundo Scannell e Gifford (2017), o vínculo ao lugar pode gerar sensação de pertencimento, conectando simbolicamente as pessoas a seus antepassados e culturas, além de reforçar laços sociais com os membros da comunidade, o que pode resultar em benefícios para todo o grupo.

Conforme abordado anteriormente, tendo em vista a variedade conceitual e as limitações das diversas perspectivas que os vínculos das pessoas com os lugares



podem ser abordados, optou-se por não utilizar um termo pré-definido tradicionalmente pela literatura como, por exemplo, apego ou identidade de lugar. Ao levar em consideração os diversos sentimentos que as pessoas podem desenvolver em relação aos ambientes, considerou-se que as pessoas possuem relações específicas com os lugares, não se fazendo necessário rotulá-las previamente. Tal iniciativa permite que o fenômeno seja analisado de maneira abrangente, sem a dependência e carga conceitual que algumas terminologias podem provocar. Ademais, também procurou-se não adotar uma conceituação em particular devido ao caráter exploratório e qualitativo do estudo, que será aqui apresentado.

O LUGAR EM CONTEXTOS RURAIS E ÁREAS AGRÍCOLAS

A ligação com a terra e as realizações da sociedade sempre estiveram presentes na história das comunidades humanas (WILLIAMS, 2011). A ligação com o lugar reflete o nível de envolvimento social e compromisso individual com o lugar, especialmente em comunidades rurais em que os residentes são mais propensos a estarem satisfeitos com a sua comunidade do que moradores urbanos (HUMMON, 1992). Além disso, Lokocz, Ryan e Sadler (2011) acreditam que a paisagem rural geralmente apresenta mudanças mais lentas, proporcionando a sensação de estabilidade, enquanto os ambientes urbanos experimentam mudanças mais rápidas.

Tendo como base a noção de multidimensionalidade do apego ao lugar apontado por Scannell e Gifford (2010a) e diante das limitações encontradas em alguns estudos que procuravam relacionar o vínculo ao lugar com o comportamento a favor do meio ambiente, Raymond, Brown e Weber (2010) propõem um modelo de análise do apego ao lugar para áreas rurais e de ambientes naturais. Os autores sugerem a existência de cinco dimensões de apego ao lugar, sendo elas divididas, basicamente, em três contextos.

O primeiro contexto refere-se ao vínculo pessoal, composto pelas dimensões de identidade de lugar e dependência do lugar. Esse contexto ressalta o significado atribuído às dimensões do *self*, como a mistura de sentimentos sobre as configurações físicas específicas e as ligações simbólicas com o lugar, além das conexões funcionais ou dirigidas a objetivos pretendidos. Já o segundo contexto aborda as características do ambiente natural como fator influenciador do apego ao lugar, destacando-se a ligação/conectividade da pessoa com a natureza. Por sua vez, o terceiro remete ao contexto social, considerando a importância do papel da comunidade na formação do apego ao lugar e a relação existente do vínculo do indivíduo com a família e amigos.

Por meio das dimensões propostas, Raymond, Brown e Weber (2010) procuraram integrar, conceitual e empiricamente, os diversos contextos em que o apego ao lugar pode ser verificado, enfatizando que análises qualitativas dessas dimensões também poderiam ser realizadas com o intuito de uma melhor compreensão e ajuste do modelo para sua aplicação em contextos rurais e ambientes naturais. A contribuição dos autores teorizou que o apego ao lugar pode ser mais



relevante para áreas rurais do que urbanas, tendo em vista a ligação e a proximidade com a natureza envolvida. Nesse sentido, a paisagem física em que as comunidades rurais estão localizadas são geralmente agrícolas e essas diferenças de contexto físico possibilitam uma comparação interessante para os estudos (TAKAHASHI; SELFA, 2015).

Observa-se que a compreensão da relação com o lugar em ambientes rurais e naturais apresentam determinadas particularidades a serem consideradas. Tomando-se a área agrícola como exemplo, o ambiente de trabalho e o convívio familiar muitas vezes encontram-se menos delimitados, existindo maior interação e também maior colaboração com a comunidade que, por sua vez, está em constante proximidade com a natureza. Diante disso, a propriedade rural, além de servir como meio de fonte de renda, também proporciona uma visão integrativa e formativa dos contextos analisados, possibilitando a construção de vínculos afetivos mais inter-relacionados. Essa ligação também foi constatada por Gosling e Williams (2010), ao verificarem que muitos agricultores apresentavam ligação emocional com suas propriedades, indo muito além do valor como fonte de renda.

No estado de Nebraska, EUA, Kunert (2012), utilizando o modelo proposto por Raymond, Brown e Weber (2010), realizou uma análise do apego ao lugar em relação à intenção de sucessão da propriedade rural dos agricultores. O estudo detectou que os agricultores que apresentavam maior apego ao lugar eram os que apresentavam também maior vontade de sucessão das suas propriedades, demonstrando interesse de continuidade da atividade para as próximas gerações da família. O autor sinaliza que as propriedades rurais são áreas que podem dar conhecimento íntimo e explícito para os agricultores, proporcionando um sentimento de lugar decorrente das experiências de vida e interações diárias.

Ao analisarem os agricultores de alimentos orgânicos da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos, Worster e Abrams (2005) perceberam que suas relações com o contexto ecológico e social eram resultado das preferências para se trabalhar ao ar livre, ser independente e melhorar o meio ambiente. A formação de uma identidade social e ecológica permitiu que esses trabalhadores desenvolvessem fortes vínculos afetivos com o lugar, fazendo com que estes se sentissem cada vez mais ligados ao campo. Por sua vez, Morgan, Hine, Bhullar e Loi (2015) identificaram que os agricultores que apresentavam práticas agrícolas de baixo impacto ao meio ambiente - com baixa emissão de gases de efeito estufa - eram mais orientados para preocupações futuras, apresentando baixos níveis de apatia ambiental, ao mesmo tempo em que percebiam mais os benefícios financeiros de tais práticas.

Por meio do modelo dual circular proposto por Pol (2002), Bassani, Silveira e Ferraz (2005) investigaram a apropriação do espaço e o apego ao lugar por agricultores do município de Araras, no Estado de São Paulo. Esse modelo de apropriação do espaço envolve dimensões relativas à ação/transformação do espaço e sua identificação simbólica para, a partir desse processo, desenvolverem diferentes sentimentos e características de apego ao lugar. Os autores concluíram haver diferentes processos de apropriação do espaço pelas famílias de agricultores, identificando-se três características principais: 1) a ruptura com os modelos e tipos de



culturas desenvolvidos pela(s) geração(s) anterior(es); 2) decisões conjuntas, envolvendo diferentes gerações, sobre as possíveis alterações na propriedade e na região e 3) ações e transformações oriundas do poder público referentes a comportamentos pró-ecológicos. Além disso, segundo os autores, a falta de políticas voltadas para qualidade de vida parece promover maiores sentimentos de vizinhança e senso de coletividade, mobilizando os agricultores para a reivindicação de tais condições.

Lincoln e Ardoin (2015) identificaram que os valores ambientais e o senso de lugar, além de influenciarem o comportamento pró-ecológico também se relacionam com práticas alternativas ligadas à agricultura. Os autores ressaltam que uma compreensão mais abrangente dessas relações pode ser importante para melhor entendimento das decisões ligadas as práticas de cultivo dos agricultores, bem como implicações mais amplas em relação ao uso da terra e impactos ambientais.

De acordo com o exposto, a literatura que aborda a relação com o lugar em contextos rurais e áreas agrícolas ainda é escassa, restringindo-se, quase que em sua totalidade, a publicações internacionais que apresentam contextos sociais, culturais e geográficos diversos. Nesse sentido, acredita-se que muito ainda se precisa conhecer em relação a esse fenômeno no Brasil, proporcionando reflexões que caminhem para o fornecimento de subsídios que promovam um desenvolvimento rural e agrícola verdadeiramente mais sustentável.

MÉTODO

O estudo aqui apresentado é o recorte de uma pesquisa mais ampla, que compõe uma tese de doutorado em andamento, realizada em um assentamento rural, com base agroecológica de produção, do município de São Miguel do Gostoso/RN. O objetivo geral foi compreender melhor a dinâmica das relações pessoa-lugar ao longo da vida dos moradores de um assentamento rural e como a forma de trabalho no sistema agroecológico pode interferir nessa inter-relação. Os resultados expostos fazem parte de um dos objetivos específicos que visa explorar como os agricultores vivenciam e estabelecem suas relações com o lugar.

A pesquisa está ancorada em princípios da abordagem qualitativa, de inspiração etnográfica e caráter exploratório. A escolha de cunho qualitativo deve-se ao fato de esta permitir ao pesquisador o estudo dos fenômenos em seus cenários correspondentes, visando compreendê-los e interpretá-los em termos de significados que as pessoas a eles conferem (DENZIM; LINCOLN, 2000). Além disso, a flexibilidade da pesquisa qualitativa também foi escolhida por permitir ao pesquisador seguir as indicações que vão surgindo, acrescentando novas peças ao “quebra-cabeça” da pesquisa ou criando “quebra-cabeças” inteiramente novos enquanto coleta os dados ou realiza a análise (CHAMAZ, 2009).

Os participantes foram escolhidos intencionalmente e por acessibilidade, sendo pesquisados dez agricultores (incluindo marido, esposa e filhos), que estão vinculados



diretamente ao cultivo de alimentos agroecológicos. A quantidade de entrevistas realizadas adotou o critério de saturação teórica, que é a estratégia utilizada quando se percebe que os dados já obtidos apresentam certa redundância e repetição, e o acréscimo de novos dados esgota o surgimento de novas categorias e propriedades (GLASER; STRAUSS, 1967). Para apresentação das falas, os nomes dos participantes foram alterados, visando manter o anonimato.

O protocolo de entrevistas consistiu em perguntas semiestruturadas, tendo sido inicialmente realizadas questões de natureza sociodemográficas, tais como: idade, gênero, estado civil, escolaridade, dentre outras. Posteriormente, foram realizadas perguntas disparadoras que versaram sobre histórias de vida, a conquista pela terra, o começo do trabalho com a agricultura e o processo de transição do cultivo convencional para o agroecológico. Na sequência, de forma mais específica, foram conduzidas perguntas norteadoras relacionadas às dimensões da relação com o lugar, propostos por Raymond, Brown e Weber (2010). Tais perguntas abordavam aspectos relacionados à identidade e dependência do lugar, a relação do agricultor com a natureza, com a comunidade e também com a família.

A realização de entrevistas mostrou-se uma técnica adequada, principalmente, como salienta Albuquerque (2001), para o ambiente rural, onde um grande contingente de pessoas ainda são pouco alfabetizadas. Além disso, o diário de campo também foi adotado como um dos instrumentos de pesquisa, tendo em vista possibilitar o registro das informações produzidas no contexto investigado, ao serem descritos acontecimentos e fatos, assim como as impressões percebidas. Para isso, foram feitas anotações a respeito do horário das observações, dia da semana, atividades desenvolvidas, quantidade de pessoas no ambiente, comportamentos manifestos e reflexões do pesquisador.

O *corpus* construído com as entrevistas e o diário de campo foi explorado com base na análise de conteúdo temática, de lógica interpretativista (BRAUN; CLARKE, 2006), trabalhando a partir de categorias prévias, provenientes do referencial teórico, e de categorias que emergiram das falas dos entrevistados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Alguns dos agricultores assentados contaram que durante a infância, quando ainda viviam em uma das comunidades vizinhas, brincavam cotidianamente nas dunas e nos terrenos próximos à antiga fazenda, pois consideravam tudo “uma coisa só”. Como muitos produtores são provenientes de famílias de agricultores, alguns se consideravam nascidos e criados “dentro da agricultura”, uma vez que desde pequenos participavam das atividades no roçado com os parentes mais velhos. O saber histórico de trabalhar com a terra onde hoje se localiza o Assentamento está vinculado ao estilo de vida presente ao longo das gerações, manifestando-se ainda na atualidade, como lembrou Ramiro ao enfatizar que “eu já trabalhava há muitos anos, desde nossos avós, nossos pais já trabalhavam nessa terra”.



Diversos relatos demonstraram que uma das principais razões de ligação com o lugar se deve ao fato deste ter sido onde cresceram, brincavam com amigos e, ao mesmo tempo, ajudavam a família na plantação quando criança. Tais experiências vividas estão ligadas à influência que as memórias da infância podem exercer na relação com o lugar, de modo que as histórias desse passado ambiental podem ser elementos importantes da dimensão temporal na estruturação da identidade social e do lugar (MEDEIROS, 2005). Para Bailey, Devine-Wright e Batel (2016), os aspectos que relacionam a infância com a experiência adulta no lugar, juntamente com as relações sociais, são tipicamente negligenciadas em estudos sobre a relação com o lugar.

Devido a falta de lugar para plantar, a utilização dos espaços pertencentes à fazenda se tornava, cada vez mais, uma condição essencial para a sobrevivência dos agricultores, garantindo suas subsistências e fonte de renda. Entretanto, com o passar do tempo, diante da ameaça de perder o terreno que já utilizavam há anos, alguns habitantes se uniram para reivindicar a desapropriação do lugar. Corina e Claudino relatam alguns dos momentos de apreensão em que os agricultores foram ameaçados a se retirarem do lugar e tiveram a sua produção arrancada do local:

No início, nos anos 96 já, o dono da terra começou a querer todo mundo de lá pra não plantar mais e aí começou a vir gente armada ameaçar o povo... destruir o que tinha plantado. Aí foi daí que começou a surgir a organização pra desapropriar a terra, né? [...] Sempre eram carros de homens fortemente armados, sabe? Amedrontando com metralhadora, ia lá em casa a procura de painho... acho que eu tinha 8 anos, a gente vivia amedrontado! [...] cercaram lá na cerca e a gente não podia passar lá pra trabalhar e aí juntou todo mundo e se mobilizou... e era tanta gente com facão que foi cortar essa cerca e a gente com medo desses homem armado! Foi muito triste, mas depois da conquista... aí as coisas aconteceram. (Corina, 30 anos)

Eles vinham com uma caminhonete, chegava lá nas coisas que a gente tinha e metia a faca pra cima. Cortava tudo e levava quando ia embora, ia com o carro carregado de mercadoria. Quando a gente se reuniu, todo mundo, "agora não vai ser assim, não!". (Claudino, 44 anos)

As lembranças trazidas por Corina e Claudino retratam a existência de distintas relações de disputa da terra. De um lado, a intensificação da propriedade privada - própria do capitalismo - e, do outro lado, a luta que tem como base a sobrevivência do sujeito. As relações com a comunidade também possuem forte influência com o contexto histórico de luta e conquista do Assentamento, principalmente entre os moradores mais antigos que vivenciaram todo o processo.

A união entre as pessoas das comunidades vizinhas foi de fundamental relevância para que o movimento ganhasse força e resistência diante dos desafios enfrentados, sendo lembrado fortemente nos discursos dos assentados e passado para



as gerações mais jovens de familiares. Como é um Assentamento recente, aproximadamente 25 anos, boa parte dos moradores ainda são pessoas e familiares que acompanharam a luta pela terra e presenciaram de perto a sua conquista. Essa união pode ser observada no relato de Ramiro, a seguir, que emocionado fala sobre o apoio da comunidade, independente do gênero e da faixa etária, na resistência para a ocupação do lugar:

Quando eu falo na história do assentamento, eu tremo um pouco a fala, porque a gente, a gente iniciou aqui o assentamento numa, sei lá, numa coisa como uma, uma briga, né? A gente teve aqui uns momentos complicados, sabe? [...]. Mobilizamos as pessoas que queriam a terra, “colocamo” esse povo na rua e foi um dia muito acirrado, sabe? Vendo a hora que ali poderia ter acontecido uma vítima, mas graças a Deus não aconteceu... e a gente terminou um dia, tivemos que cortar uma cerca deles, queria cercar a propriedade pra que a gente não tivesse mais acesso, ao trabalho, a nossa agricultura, né? Nós se reunimos um dia aqui, homem, mulher e criança e fomo pra dentro do mato, acho que nós tinha aproximadamente umas 200 pessoas, entre grande e pequeno, e “derrubamo” essa cerca na foice, estaca cortada de três pedaço, sabe? Aí pronto, aí o negócio ficou acirrado mermo, e eu tinha muito medo [...]. (Ramiro, 55 anos)

Segundo os relatos, foi possível verificar que os moradores já realizavam formas de apropriação do espaço aonde futuramente viria a ser o Assentamento. Este espaço, apropriado tanto pelo coletivo quanto pelo sujeito em sua singularidade, fez com que o lugar fosse transformado com o seu trabalho na terra, ganhando importância e significado. As vivências dos produtores que habitam o Assentamento remetem a Tuan (1983), que acredita que o lugar possui um significado diferente quando se sabe quem dele se apropriou. Destarte, ao envolver uma complexidade de interações entre o ser humano e o ambiente, Pol (1996) esclarece que o processo de apropriação ocorre não somente da pessoa para o espaço, mas também ao contrário. Ou seja, assim como o indivíduo transforma o espaço, este também o transforma, refletindo sua identidade e estilo de vida que estão ligados aos modos de ser e fazer.

A apropriação do espaço faz parte do processo de construção da identidade do ser humano e envolve relações históricas, culturais e sociais que vão se constituindo no contexto no qual o indivíduo é construído (JERÔNIMO, 2012). Nesse sentido, na medida em que o espaço é apropriado pelo sujeito, mais ele se apropria de si mesmo. Entende-se, assim, que a apropriação da antiga fazenda para o lazer e o trabalho foi um aspecto importante no desenvolvimento do sentimento de pertença ao lugar, principalmente pela utilização da terra para o cultivo de alimentos, como também pode ser verificado na fala de Ramiro, a seguir:

Eu fui um dos fundadores disso aqui... acreditei, né? Eu acreditei que isso aqui dava certo e, graças a Deus, pra mim, tá dando certo. E eu sinto prazer de viver aqui porque eu tive uma luta grande, saí graças



à Deus vitorioso. Não só eu, mas todo o assentamento saiu vitorioso, né? Que a gente conquistou o nosso espaço, né, que a gente queria a terra que a gente conquistou. Eu uso bem essa terra, eu uso bem porque eu planto, eu colho, eu crio [...]. A gente sente que a gente tá aqui pela uma causa justa, né. A gente tá aqui porque queremos a terra, queremos trabalhar, isso aí faz com o quê a gente fique, a gente se apegue mais, né? Aqui é assim, a gente se apegue “mermo” por isso. [...] Eu sinto prazer de viver aqui, tenho amor, tenho orgulho a isso aqui. (Ramiro, 55 anos)

É possível verificar que os depoimentos trazidos nas entrevistas também apontam para elementos que se assemelham a identidade de lugar. Tal identidade, segundo Proshansky, Fabian e Kaminoff (1983), está ligada à mistura de sentimentos sobre configurações físicas específicas e conexões simbólicas ao lugar, definindo quem somos. Nesse sentido, a identificação com o Assentamento também se afirma pela conquista da terra e da possibilidade de produzir no que agora é “seu”, aspecto que emerge diante das narrativas das diferentes histórias de vida e do desejo de permanecer morando no lugar, no qual Ermelinda desabafa: “Não tenho vontade de sair daqui. Daqui só pra casinha branca... sabe o que é casinha branca? É o cemitério! É porque sempre o povo pinta de branco.”

Segundo Jerônimo (2012, p. 88), “reconhecer-se em um lugar traz a soma das lembranças de sentimentos, de vivências e significados dos sujeitos que habitam o espaço”. Nesse aspecto, a tranquilidade encontrada no Canto da Ilha muitas vezes era apontada de forma contrastante com a vida corrida, os perigos e as incertezas da cidade grande. Alguns produtores já chegaram, inclusive, a morar na capital, mas, como não se adaptaram ao cotidiano da cidade, retornaram ao Assentamento. Ao lembrar da cidade, mesmo com todos os seus atrativos, alguns moradores ressaltaram os diferentes modos de vida, a falta de espaço físico suficiente para plantar e morar, além da agitação e poluição sonora e do ar, como relata Magnólia:

Na cidade a gente não pode produzir tudo que produz aqui. Lá é só mais compra, comprando, né? E a gente aqui, a gente produz, planta, colhe. Lá é mais poluído, às vezes a casa não têm quintal pra plantar o que a gente produz aqui [...]. Aqui não tem ninguém pra perturbar a gente, não tem buzina pra ficar buzinando direto. (Magnólia, 18 anos)

Já Marilene sente praticamente o mesmo ao comparar a cidade grande com a vida no Assentamento, principalmente em relação a calma que faz parte da identidade natural do lugar. Após receber vários convites para ir morar com familiares na capital, ela aponta a tranquilidade e segurança do lugar, sem a constante violência característica da cidade.

Elas pejeja pra mim ir lá, eu num vou, não! Eu não vou lá porque lá é muito violento! Num me dou, não, com o clima de lá, não! Eu sou mais aqui mesmo porque aqui é, ninguém num vê certas coisas... mas



lá, eu não gosto de lá! Aí aqui eu gosto. [...] Aqui é tranquilo, aqui num tem, assim, sabe? Aqui é bom demais! Aqui você abre a porta, o povo dorme de porta aberta, não tem quem venha bulir com você... né? Só não que tem vezes que aparece uma doidaria por aqui, mas passa de açoito, vai simhora. Mas eu acho bom aqui, né? Tranquilidade. Coisa boa é você estar no seu lar, tranquilo. (Marilene, 55 anos)

Levando-se em consideração os aspectos emocionais e afetivos em relação ao ambiente, a identidade de lugar apresenta um papel relevante na forma como o espaço físico é percebido, possibilitando que este ganhe significados e desperte sentimentos nos usuários (Medeiros, 2005). Autores como Santos (1997) e Bauman (2002) acreditam que o lugar é construído a partir das relações sociais estabelecidas entre os indivíduos e das experiências cotidianas e espaços vividos, sendo repletos de sentimentos, e de representações, tensões e conflitos.

Não obstante, é importante destacar que o lugar também faz parte do processo de construção dessa relação, não sendo, portanto, um ambiente neutro. As experiências de vida e os conflitos de acesso à terra contribuíram para formação de relações históricas e sociais do Assentamento, que possibilitaram o desenvolvimento de diferentes formas de se relacionar e significar o ambiente.

Considerando uma variedade de cenários e emoções que podem se formar e mudar por meio de experiências negativas e positivas em relação ao lugar, foi possível observar sentimentos ambivalentes relacionados a momentos difíceis de luta pela terra e, ao mesmo tempo, a conquista do lugar como meio de sobrevivência e reconhecimento. As lembranças resgatadas apresentaram uma variedade de momentos alegres e tristes, fazendo com que alguns participantes se emocionassem ao lembrar da história do lugar enquanto relatava os acontecimentos. Esse sentimento nostálgico é apontado por Flemsæter (2009, p. 206) como estando intimamente ligado aos locais, uma vez que a “memória e a nostalgia são aspectos-chave nos sentidos de lar e na forma como as propriedades rurais são promulgadas”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas últimas décadas, vários estudos trouxeram à tona a relação da pessoa com o lugar nos mais variados contextos. Diante disso, considerando a acentuada importância que o sistema agroecológico de produção apresenta na transformação das relações com o ambiente e entre as pessoas, esta pesquisa busca trazer o estudo da relação com o lugar também como uma proposta de pesquisa a ser utilizada nas investigações sobre as relações humano-ambientais em contextos agrícolas e rurais, de forma mais específica no cultivo de alimentos sem o uso de agrotóxicos.



Os resultados encontrados direcionam para múltiplas maneiras de relação dos agricultores com o ambiente, e que essas relações podem ser melhor compreendidas ao se explorar a dinâmica temporal das histórias ao longo da vida das pessoas no lugar.

Como verificado, a ocupação do Assentamento investigado é recente. Há pouco mais de vinte e cinco anos, o lugar era uma fazenda desocupada que não apresentava importância produtiva para o antigo proprietário. A agricultura e o processo de luta e conquista da terra se confunde com a própria história das famílias dos moradores, ocupando determinada centralidade do papel da terra ao influenciar tanto na dimensão funcional como nas dimensões simbólicas e espirituais.

O conjunto do *corpus* analisado leva a perceber as transformações na configuração da forma de uso e ocupação da propriedade, sendo elencadas, a partir das experiências e memórias, as diferentes maneiras de vivenciar a relação com o lugar. O sentimento de pertencimento e ligação com a terra, tanto como base produtiva, como espaço de moradia, contemplação e lazer, foi verificado em diversas narrativas, demonstrando importantes elementos que direcionam para uma melhor compreensão do fenômeno investigado. Nesse aspecto, o vínculo afetivo com o lugar no contexto analisado ultrapassa o entendimento do local unicamente como espaço de produção, denotando a relação com o Assentamento e a terra de cultivo como um ambiente de referenciais identitários e pertencimento, caracterizados por elementos que se assemelham à apropriação do espaço e a identidade de lugar.

A polissemia caracterizada ao lugar reflete, portanto, diferentes formas de vínculos. Os participantes investigados apresentam tipos particulares de vínculos com o lugar que, por sua vez, dependem das trajetórias de vida, de alterações no ambiente e de relações socioeconômicas e ambientais estabelecidas. Com isso, foram verificados diferentes aspectos da relação dos agricultores com o lugar, revelando um vínculo multidimensional formado por distintas formas de significação. As dimensões relacionadas à identidade e à dependência de lugar, à conectividade com a natureza, e à relação com a comunidade e a família foram importantes elementos que contribuíram para esse entendimento.

O estudo também revela aspectos afetivos do lugar expresso em sentimentos de afeição, apego, engajamento e compromisso. Embora não exista consenso ou relação direta e clara entre esses elementos, ressalta-se que eles podem ser manifestados de forma isolada ou complementar, sendo possível coexistir a presença e a combinação de mais de um sentimento em relação ao lugar. Apesar dos diversos problemas enfrentados, o desejo de permanecer na localidade foi expresso tanto pelos adultos como os jovens, relacionando ao lugar a sensação de tranquilidade e segurança, em contraste com a vida corrida, violenta e estressante da cidade.

O fenômeno analisado apresentou, portanto, um caráter complexo e multidimensional, uma vez que o lugar passou a receber diferentes significados que variavam conforme experiências pessoais, grupais e culturais. Ao envolver de forma integrativa um conjunto de emoções, cognições e comportamentos, a relação com o



ambiente pode variar com o tempo, não devendo ser considerado, portanto, de forma estática e universal.

O conjunto dos dados analisados até o momento leva a pensar que formas alternativas de agricultura, como a agroecológica, podem contribuir não somente para uma revalorização da própria atividade agrícola como também do meio rural e, especificamente, da terra de cultivo. O panorama e a descrição da dinâmica social, econômica e ambiental do Assentamento estudado possibilitam refletir sobre o papel da agroecologia, direta ou indiretamente, associada a uma identidade social, à ocupação do espaço e a novas formas de permanecer morando no lugar. De imediato, ainda que sejam fortes as ambiguidades que direcionam a diferentes formas de cultivo, a agricultura também contribui para a “manutenção e o fortalecimento do tecido social, a continuidade das trocas e das práticas de sociabilidade que integram a tradição de um lugar” (CARNEIRO; TEIXEIRA, 2012, p. 92).

Apesar da estratégia de estudo de caso representar um caráter particular, não devendo os achados serem generalizados, seus resultados direcionam para caminhos de pesquisas futuras. Como exemplo, o aprofundamento das investigações sobre as trajetórias de vida e a relação com o lugar pode ser uma boa perspectiva para estudos futuros. Além disso, pesquisas futuras também podem analisar como outras formas de trabalho implicam na vinculação (ou não) das pessoas com o ambiente.

Ademais, diante do que foi discutido anteriormente, faz-se importante destacar que os resultados apresentados até o momento são considerados como esforço inicial de pesquisa em um campo pouco explorado pela Psicologia Ambiental no Brasil. Nesse sentido, este trabalho não pretende trazer respostas definitivas, nem tampouco apresentar conclusões irrefutáveis sobre o assunto. Ao contrário, o intuito de sua realização se volta muito mais para a possibilidade de ressaltar esse campo de estudo como contribuição para o entendimento da inter-relação pessoa-ambiente em contextos rurais e agrícolas, servindo, portanto, como estímulo para a elaboração e aprofundamento de futuros estudos sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, F. J. B. Aproximación metodológica desde la psicología social a la investigación en zonas Rurales. *Estudios Agrosociales y Pesqueros*, 191, 225-233, 2001.

BAILEY, E.; DEVINE-WRIGHT, P.; BATEL, S. Using a narrative approach to understand place attachments and responses to power line proposals: The importance of life-place trajectories. *Journal of Environmental Psychology*, 48, 200-211, 2016.

BASSANI, M. A.; SILVEIRA, M. A.; FERRAZ, J. M. G. Psicologia Ambiental e Agroecologia: Apropriação do Espaço por Famílias de Agricultores. In III Congresso



Brasileiro de Agroecologia; VI Simpósio Internacional de Agroecologia; VII Simpósio Estadual de Agroecologia. *Anais...*, Florianópolis/SC, 2005.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Buenos Aires: Graficor, 2002.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101, 2006.

CARNEIRO, M. J.; TEIXEIRA, V. L. Para além das dualidades: o rural não agrícola do Rio de Janeiro. In M. J. CARNEIRO (Org.), *Ruralidades Contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

CHAMAZ, K. *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2009.

CHAWLA, L. Childhood place attachments. In I. ALTMAN; S. M. LOW (Orgs.), *Place Attachment*. (pp. 63–86). Nova York: Plenum, 1992.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *Handbook of qualitative research*. Califórnia: Sage Publications, 2000.

ELALI, G. A.; MEDEIROS, S. T. F. Apego ao lugar (Vínculo com o lugar – Place attachment). In S. CAVALCANTE; G. ELALI. (Orgs.), *Temas Básicos em Psicologia Ambiental* (pp. 53-62). Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FELIPPE, M. L.; KUHNEN, A. O apego ao lugar no contexto dos estudos pessoa-ambiente: práticas de pesquisa. *Estudos de Psicologia*, 29(4), 609-617, 2012.

FLEMSÆTER, F. Home matters: the role of home in property attachment on Norwegian smallholdings. *Norsk Geografisk Tidsskrift*, 63(3), 204-214, 2009.

GIULIANI, M. V. Theory of attachment and place attachment. In M. Bonnes, T. Lee, and M. Bonaiuto (Orgs.), *Psychological theories for environmental issues*. Aldershot: Ashgate, 2003.

GIULIANI, M. V. O lugar do apego nas relações pessoas-ambiente. In E. T. O. Tassara, E. P. RABINOVICH; M. C. GUEDES (Orgs.), *Psicologia e ambiente* (pp.89-106). São Paulo: Educ, 2004.

GIULIANI, M. V.; FELDMAN, R. Place Attachment in a Developmental and Cultural Context. *Journal of Environmental Psychology*, 13, 267-274, 1993.

GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. New York: Aldine de Gruyter, 1967.



GOSLING, E.; WILLIAMS, K. J. H. Connectedness to nature, place attachment and conservation behaviour: Testing connectedness theory among farmers. *Journal of Environmental Psychology* 30, 298–304, 2010.

HIDALGO, M. C. Operationalization of place attachment: A consensus proposal. *Estudios de Psicología*, 34(23), 251-259, 2013.

HIDALGO, M. C.; HERNANDEZ, B. Place Attachment: Conceptual and Empirical Questions. *Journal of Environmental Psychology*, 21, 273-281, 2001.

HUMMON, D. H. Community attachment: local sentiment and sense of place. In I. ALTMAN; S. M. LOW (Orgs.), *Place Attachment* (pp. 253–278). Nova York: Plenum, 1992.

JERÔNIMO, R. N. T. *Cultura e natureza em Ibiraguera: Poesia e conflitos numa comunidade tradicional*. Criciúma, SC: Ediunesc, 2012.

KUNERT, S. *The Impact of Place Attachment on Land Succession of Nebraska Agriculturists*. Dissertations & Theses in Natural Resources. Paper 47, University of Nebraska, Lincoln, 2012.

LEWICKA, M. Ways to make people active: The role of place attachment, cultural capital, and neighborhood ties. *Journal of Environmental Psychology*, 25, 381–395, 2005.

LEWICKA, M. Place attachment: How far have we come in the last 40 years? *Journal of Environmental Psychology*, 31, 207–230, 2011.

LINCOLN, N. K.; ARDOIN, N. M. Cultivating values: environmental values and sense of place as correlates of sustainable agricultural practices. *Journal of the Agriculture, Food, and Human Values Society*, 32(2), 1-16, 2015.

LOKOCZ, E.; RYAN, R. L.; SADLER, A. J. Motivations for land protection and stewardship: Exploring place attachment and rural landscape character in Massachusetts. *Landscape and Urban Planning*, 99, 65–76, 2011.

LOW, S. M.; ALTMAN, I. Place attachment: a conceptual inquiry. In I. ALTMAN; S. M. LOW (Orgs.), *Place attachment* (pp. 1-12). Nova York: Plenum, 1992.

MANZO, L. C. Beyond house and haven: toward a revisioning of emotional relationships with places. *Journal of Environmental Psychology*, 23, 47-61, 2003.

MEDEIROS, S. T. B. F. *Um lugar para chamar de “Meu”: Estudo sobre a relação afetiva com o lugar de moradores da praia de Pipa-RN*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.



MORGAN, M. I.; HINE, D. W.; BHULLAR, N.; LOI, N. M. Landholder adoption of low emission agricultural practices: a profiling approach. *Journal of Environmental Psychology*, 41, 35-44, 2015.

POL, E. La apropiación del espacio. In L. IÑIGUEZ; E. POL (Orgs.), *Cognición, representación y apropiación del espacio* (pp. 45-60). Barcelona: Publicacions Universitat de Barcelona, 1996.

POL, E. El modelo dual de la apropiación del espacio. In R. GARCÍA MIRA; J. M. SABUCEDO; J. ROMAY (Orgs.), *Psicología y Medio Ambiente. Aspectos psicosociales, educativos y metodológicos* (pp.123-132). A Coruña: Asociación Galega de Estudios e Investigación Psicosocial, 2002.

PROSHANSKY, H. M.; FABIAN, A. K.; KAMINOFF, R. Place-identity: Physical world socialization of the self. *Journal of Environmental Psychology*, 3(1), 57-83, 1983.

RAYMOND, C. M.; BROWN, G.; WEBER, D. The measurement of place attachment: Personal, community, and environmental connections. *Journal of Environmental Psychology*, 30, 422-434, 2010.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. 2. Ed., São Paulo: HUCITEC, 1997.

SCANNELL, L.; GIFFORD, R. Defining place attachment: A tripartite organizing framework. *Journal of Environmental Psychology*, 30, 1-10, 2010a.

SCANNELL, L.; GIFFORD, R. The relations between natural and civic place attachment and pro-environmental behavior. *Journal of Environmental Psychology*, 30, 289-297, 2010b.

SCANNELL, L.; GIFFORD, R. The experienced psychological benefits of place attachment. *Journal of Environmental Psychology*, 51, 256-269, 2017.

SEAMON, D. Different worlds coming together: A phenomenology of relationship as portrayed in Doris Lessing's diaries of Jane Somers. In D. SEAMON (Org.), *Dwelling, seeing and designing: Toward a phenomenological ecology*. Nova York: State University of New York Press, 1993.

SPELLER, G. M. A importância da vinculação ao lugar. In L. SOCZKA (Org.), *Contextos humanos e psicologia ambiental* (pp.133-167). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

TAKAHASHI, B.; SELFA, T. Predictors of Pro-Environmental Behavior in Rural American Communities. *Environment and Behavior*, 47(8), 856-876, 2015.

TUAN, Y. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.



VASKE, J. J.; KOBRIN, K. C. Place Attachment and Environmentally Responsible Behavior. *The Journal of Environmental Education*, 32(4), 16-21, 2001.

WILLIAMS, R. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WORSTER, A. M.; ABRAMS, E. Sense of place among New England commercial fishermen and organic farmers: implications for socially constructed environmental education. *Environmental Education Research*, 11(5), 525-535, 2005.